

Ame teu outro como a ti próprio.

(Para Dora)

A sentença epigrafada é atribuída a Hillel, (70 a.C.-10 d.C.), e, segundo a tradição, resume a mensagem toda do judaísmo. Porque o termo "outro" implica, por uma das suas conotações, o significado "inimigo", e, por outra conotação, o significado "o Inteiramente Outro". O Novo Testamento substituiu o termo "outro" pelo termo "próximo", o que modificou, um pouco, a mensagem contida na sentença. Na sua versão evangélica, a sentença fere o problema da proximidade, na sua versão original fere o problema da alienação e da alteridade. Por certo: proximidade e alteridade são problemas que se co-implicam. Mas o acento é diferente.

Toda uma literatura talmúdica e pós-talmúdica se dedica à análise minuciosa do texto epigrafado. Salienta ela, como os horizontes da sentença, os dois pronunciados básicos do judaísmo: "Ame JHVH teu Deus sobre todas as coisas", e "seja justo, ame a misericórdia, e ande humildemente com teu Senhor". Mas não precisamos ser talmudistas para captarmos a intenção que moveu Hillel ao formular a sentença. Hillel está afirmando que a única maneira de podermos amar Deus concretamente é a de amarmos o outro. Que todo o resto não passa de "teoria". E afirma ainda que a única maneira pela qual podemos reconhecer Deus é a de reconhecermo-Lo no outro. Que todo o resto não passa de "teoria". Com efeito, Hillel está articulando a profunda desconfiança do judaísmo com relação a toda teologia, seu "existencialismo" e "anti-essencialismo". E está articulando, ainda mais, o anti-paganismo radical do judaísmo, a sua recusa a toda mediação entre o homem e Deus. Afirma que a relação amorosa entre o homem e Deus é imediata, e não pode ser mediatizada.

Para captarmos o significado da sentença, transfiramo-la para o nosso contexto. Contexto no qual os termos "Deus" e "amor" se tornaram suspeitos, por terem sido tantas vezes "usados em vão", abusados. Transferida assim, eis como a sentença pode ser formulada: "assuma a alteridade sem perder a identidade". Ressalta, de tal formulação, que está posto o problema da identidade e da diferença, e isto não de forma lógica e especulativa, mas de forma vivencial e concreta. É o problema da antropofagia, tão antigo quanto o é a humanidade. O problema de devorar o outro, o "deus". O problema do entusiasmo. Problema que tem dois horizontes. O do devorador: como posso incorporar o outro sem deixar de ser eu? E o do devorado: como posso tornar-me homem sem deixar de ser "o deus"? Problema que acompanha a história da humanidade, desde Cro-Magnon, passando pelos corações devorados no México e pela eucaristia, até a problemática atual do engajamento. A sentença de Hillel afirma ter superado o problema.

Para a antropofagia, o problema tem esta forma: Quando encontro o outro, encontro-me face ao diferente de mim, ao estranho, ao estrangeiro, ao inimigo. "Encontro-me", isto é: identifico-me face ao outro. Torno-me sujeito. Por isto o outro é "sacro": faz com que me identifique. O outro é o objeto do qual sou o sujeito. A relação que se estabelece é relação projetiva. Eu enquanto sujeito sou projetor que projeta um objeto contra tela de fundo. O meu projeto é recuperar minha projeção, afim de des-alienar-me do meu objeto. Para fazê-lo, recorro a meios. A obser-

vação, à experiência, ao conhecimento, à valoração, à manipulação munida de instrumentos. Procuro, pelo intermédio da arte, da ciência, da ideologia, da técnica, recuperar o objeto e transformá-lo em coisa minha. Destarte dominarei a estranhez, a estrangeiridade, a inimizade do outro. Dominarei a diferença pela identidade. Terei "des-sacralizado" o outro. Este é o projeto.

Hillel afirma a "odiosidade" de tal projeto. Porque assenta sobre um encobrimento da realidade concreta. O sujeito que se projeta "esqueceu" como, ele próprio, surgiu. Que surgiu no encontro, e graças ao encontro, com o outro. Que, sem o outro, não existiria. O qual, por certo, não existiria <sup>de fato</sup> sem o encontro. O sujeito "esqueceu" que tanto ele quanto o objeto são projeções abstratas, abstraídas de relação concreta. Que o "sacro", o "mistério tremendo", o fundo inefável que sustenta tanto o sujeito quanto o objeto, tanto e mim quanto ao outro, tanto a identidade quanto a diferença, é tal relação concreta. Da qual é impossível falar-se, por ser toda sentença "projeto", e por ser a relação concreta anterior a todo projeto. Mas embora tal relação concreta, (a do "amor"), não seja articulável, é ela assumível. Embora a teologia seja impossível, é possível "amar-se Deus 'sobre' todas as coisas". O termo "como" na sentença "ame teu outro como a ti próprio" sugere tal possibilidade. "Como" significa: no além das projeções, no além da identidade e da diferença.

Destarte fica superado o problema da antropofagia. Devorador e devorado são extrapolados da relação do entredevorar, a qual surge enquanto realidade concreta do "entusiasmo". O "círculo urobórico", o círculo da subjetividade e objetividade, fica transcendido pelo "amor", pela intersubjetividade. Esta, segundo Hillel, é a mensagem do judaísmo.

Não nego que minha "exegese" está informada, e talvez viciada, pela problemática do momento. Que é a problemática do conhecimento objetivo. Da descoberta científica da inseparabilidade de sujeito e objeto, da "indeterminabilidade". Mas não creio que isto seja defeito. Toda mensagem é recebida, necessariamente, sobre o fundo relacional no qual o receptor se encontra. E tal fundo dá significado à mensagem. Se, atualmente, podemos "amar o outro como a nós próprios", se podemos assumir a alteridade sem perdermos a identidade, é que tal mensagem concorda com outras, das quais dispomos, e que tal mensagem confere significado existencial a essas mensagens atuais todas.

Que direis?

Assaço



1/6